

Os três cabelos de ouro do diabo

Um conto de fadas dos Irmãos Grimm

Há muitos e muitos anos, numa casinha pobre, nasceu um menino bonito e forte, mas que, ao contrário de todas as outras crianças, nasceu com todos os dentes na boca. Os pais, assim que o viram, ficaram muito assustados, pensando tratar-se de alguma bruxaria. As vizinhas, entretanto, tranquilizaram-nos, dizendo que nascer com dentes era sinal de boa sorte. E uma delas, que era considerada feiticeira, profetizou que o menino, ao completar quinze anos, se casaria com a filha do imperador do país.



Um dia, quando o menino ainda era bem pequeno, o imperador passou casualmente pela vila e ouviu contar a história da criança, que era chamada de o "Filho da Sorte." Indignado com a possibilidade de ver sua filha casada com um tipo qualquer, pobre e de origem humilde, o imperador resolveu impedir que a profecia se cumprisse.

Dizendo-se um rico comerciante, apresentou-se na casa onde vivia o Filho da Sorte. Tomou a criança nos braços e, fingindo-se encantado com sua beleza, disse aos pais que era muito rico e não tinha ninguém a quem deixar sua herança. Por isso, gostaria muito de poder levar o bebê e criá-lo como se fosse seu filho. O casal, a princípio, não aceitou a proposta, mas o imperador foi tão hábil e convincente que os fez acreditar que daria ao menino uma vida muito melhor do que ele teria naquela casa pobre.

Assim, o perverso imperador levou consigo o pequeno Filho da Sorte e, logo que se viu sozinho, fora da cidade, colocou-o numa caixa e atirou-a ao rio, na certeza de que ela afundaria, matando a criança. Mas o menino parecia merecer mesmo o nome de Filho da Sorte, pois a caixa, em vez de afundar, flutuou rio abaixo, indo parar no açude de um moinho.

Um velho moleiro que ali trabalhava, pensando ter encontrado um tesouro, apressou-se a tirar a caixa da água. Quando a abriu, ficou comovido por ver uma criança tão linda e esperta abandonada para morrer. Como não tinha filhos, levou o bebê para casa. A mulher do moleiro ficou muito feliz, e o Filho da Sorte cresceu ali, rodeado pelo carinho dos pais adotivos.

O tempo passou e, um dia, alguns meses depois do menino havia ter feito quinze anos, o imperador e sua comitiva viajavam pela região, quando caiu uma tempestade muito forte. Como não havia nada por perto a não ser o moinho, o imperador foi obrigado a pedir abrigo na casa do velho moleiro.

O casal de velhos o recebeu muito bem. Para que o tempo passasse mais depressa, conversavam com o imperador. Não demorou para que a beleza e a vivacidade do Filho da Sorte chamassem a atenção do monarca, que perguntou ao moleiro se o menino era seu filho. A mulher, inocentemente, respondeu-lhe que não, e acabou contando a história de como haviam encontrado a criança.

Quando ela terminou de falar, os olhos do imperador estavam vermelhos de ódio, pois ele logo percebeu de quem era o rapaz. Furioso por ele ainda estar vivo, começou imediatamente a pensar numa forma de liquidar o rapaz de vez.

Como estava no meio de uma grande viagem e demoraria muitos meses para voltar ao palácio, o imperador ficou com medo de que a profecia se concretizasse durante sua ausência. Assim, resolveu agir rapidamente e, dando algumas moedas aos velhos, pediu-lhes que deixassem o rapaz levar uma mensagem à rainha, na capital do reino. Em seguida, ordenou à sua mulher que ela mandasse executar imediatamente o rapaz que lhe entregasse aquela carta.

No dia seguinte, bem cedinho, lá se foi o Filho da Sorte na direção da capital do reino, sem saber que levava nas mãos sua própria sentença de morte.

Andou o dia inteiro, sem descanso, pois queria chegar ao palácio. No entanto, como nunca havia deixado a vila em que morava, o rapaz desviou-se do caminho certo e acabou perdido no meio da floresta.

Já anoitecia quando o Filho da Sorte viu, numa clareira, uma cabana, onde resolveu pedir ajuda. Bateu à porta e uma velhinha muito bondosa veio atender. A mulher acolheu-o com simpatia e, depois de ouvir a sua história, deu-lhe de comer e de beber, mas avisou-o que seria melhor ele não dormir ali, pois aquela cabana servia de esconderijo a perigosos ladrões, que certamente o matariam quando o encontrassem.

O rapaz, entretanto, não teve medo e insistiu tanto que a boa senhora arranjou-lhe um canto da cabana onde pudesse dormir naquela noite.

De madrugada, quando o Filho da Sorte dormia a sono solto, chegaram os ladrões. A velha, temendo pela vida de seu hóspede, avisou aos malfeitores que havia alguém na cabana, mas que se tratava apenas do filho de um moleiro que estava a caminho da capital para levar uma carta do imperador à mulher.

O chefe dos bandidos ficou muito curioso para saber o conteúdo da carta e a abriu para ler. Ao ver a maldade que aguardava o pobre rapaz, ficou indignado e resolveu pregar uma partida ao malvado soberano. Imitando a letra do imperador, escreveu uma nova mensagem à rainha, ordenando que ela



casasse imediatamente a princesa com o portador daquela carta. Em seguida, queimou a carta verdadeira e colocou a outra no seu lugar.

Na manhã seguinte, o Filho da Sorte, sem saber de nada, partiu. Orientado pelo próprio chefe dos ladrões, encontrou facilmente o caminho certo para a capital e horas depois se apresentava no palácio.

A rainha, ao ler a mensagem que julgava ser de seu marido, preparou tudo para o casamento, que se realizou naquela mesma tarde, na capela do palácio.

Meses depois o imperador voltou de sua viagem e, vendo sua filha casada com o filho do moleiro, ficou furioso com a mulher. Esta, sem entender por que o marido estava tão bravo, mostrou-lhe a carta que havia recebido. Como não havia mais remédio para a situação, o imperador decidiu não punir nem a mulher nem o genro, para a felicidade da princesa, que gostava muito do marido. Por outro lado, era impossível aceitar que a princesa vivesse casada com um tipo qualquer, sem eira nem beira, como aquele; por isso o imperador chamou o genro e disse-lhe:

- Para consentir que continuem a viver juntos, é preciso que se torne digno de ser um príncipe realizando alguma façanha. Por isso, eu lhe dou uma tarefa para cumprir: quero que vá até o inferno e traga de lá três cabelos de ouro do Diabo. Se conseguir realizar esse feito, quando voltar, eu o farei príncipe.

O Filho da Sorte, esperto e valente como era, partiu sem demora rumo ao inferno.

Caminhou durante muitos dias, até chegar à porta de uma grande cidade, onde uma sentinelas lhe perguntou que problemas ele sabia resolver.

- Todos! - respondeu o rapaz.

- Todos?! – espantou-se o guarda. - Então faça-me o favor de dizer por que a fonte do nosso mercado, que antes jorrava um vinho delicioso, agora está tão seca que não solta nem uma gota de água!

- Não posso responder agora - ele respondeu - , mas, se me deixar passar, eu lhe trarei a resposta na volta.

A sentinelas, confiando na palavra do rapaz, abriu as portas da cidade para que ele passasse.

O Filho da Sorte seguiu seu caminho e alguns dias depois chegou à porta de uma outra cidade, onde havia outra sentinelas que também lhe perguntou que problemas ele sabia resolver.

- Todos! - respondeu ele mais uma vez.

- Ah, é? – espantou-se a sentinelas. - Então me responda por que é que a árvore grande dos jardins do nosso rei, que antes dava frutos de ouro, agora



está tão seca que não tem nem uma folha mais!

- Não posso responder agora - disse o rapaz -, mas, se me deixar passar, eu lhe trarei a resposta na volta!

O guarda também acreditou na sua palavra e deixou-o seguir.

Alguns dias depois, o filho do moleiro chegou a um grande rio que precisava atravessar para chegar ao inferno. Só havia ali um barqueiro que, ao vê-lo, perguntou a mesma coisa que as duas sentinelas. Quando ouviu o rapaz dizer que sabia resolver todos os problemas, o barqueiro, interessado, disse-lhe:

- Meu jovem, se você sabe mesmo de tudo, então explique-me por que preciso eu de ficar a vida inteira sendo barqueiro, atravessando gente de um lado para outro do rio, sem nunca encontrar uma alma boa que venha me substituir neste trabalho?

- Não sei explicar o motivo - disse o Filho da Sorte - mas, se me levar à outra margem, prometo que na volta eu trarei a resposta à sua pergunta!

O barqueiro também acreditou na palavra do Filho da Sorte e o levou para o outro lado do rio.

Bem perto dali ficava a porta do inferno. O rapaz bateu bem forte e esperou ser atendido. Algum tempo depois, apareceu à porta a avó do Diabo, dizendo que seu neto não estava. Como ela parecia ser uma boa pessoa, o moço contou-lhe sua história, e a velha, condoendo-se da sua situação, resolveu ajudá-lo.

- Mas se o meu neto o encontrar aqui - disse ela -, vai ficar tão furioso que vai querer matá-lo no mesmo instante e comê-lo assado ao jantar. Por isso preciso escondê-lo.

Assim, a velha transformou o Filho da Sorte numa formiguinha e escondeu-o numa das dobras da sua saia.

Minutos depois, chegava a casa o Diabo, e já vinha faminto, pois havia sentido o cheiro de carne humana, seu prato predileto. Farejou por todos os cantos do inferno, mas, como nada encontrasse, a velha disse-lhe:

- Andas com mania de sentir cheiro de gente! Vem comer que eu matei um franguinho novo especialmente para o teu jantar!

O Diabo comeu até fartar-se e, depois, como era seu costume, deitou-se no colo da avó para que ela lhe fizesse carinhos. Dali a pouco, dormia profundamente e a velhinha aproveitou-se disso para arrancar o primeiro fio de ouro de sua cabeça.

- Ai! - gritou Satanás. - Que é que está a fazer, minha avozinha?

- Nada - respondeu a velha. - É que tive um sonho mau e acordei agarrada nos teus cabelos!



- E qual foi o sonho que teve? - perguntou o Diabo.

- Sonhei que a fonte do mercado de uma cidade, que antigamente só jorrava vinho, agora anda tão seca que não solta nem uma gota de água.

Satanás deu uma boa gargalhada e depois respondeu:

- É verdade! É verdade! É que existe uma pedra a tapar a nascente da fonte! Se a tirarem, a fonte voltará imediatamente a jorrar vinho.

A avó do Diabo voltou a fazer carinhos na cabeça do neto e logo depois ele dormia tão pesado que ressonava. Quando estava num sono pesado, a velha aproveitou para arrancar o segundo fio de cabelo.

- Ai! Ai! Ai! - fez ele de novo. - O que é que aconteceu agora?

- Eu sonhei outra vez! - disse a avó.

Desta vez foi com uma outra cidade onde havia, no jardim do rei, uma árvore que dava frutos de ouro e que agora está cada dia mais seca!

O Diabo riu satisfeito e respondeu:

- Isto também é verdade, minha avó! E sabe por que a árvore secou? Porque em baixo dela há um rato que diariamente rói as suas raízes. Se matarem o rato, a árvore ficará verde outra vez. Se o deixarem lá, ela ficará cada dia mais seca, até morrer!

Depois de dizer isso, Satanás ajeitou de novo a cabeça no colo da avó e, logo, embalado pelos carinhos, dormia outra vez.

A velhinha aproveitou então para arrancar o terceiro fio e ele, acordando por causa da dor, gritou furioso:

- Ai, minha avó! Seus sonhos vão deixar-me careca! O que foi desta vez?

- Sonhei com um barqueiro - disse a avó - que se queixava de ficar eternamente passando gente de uma margem para outra do rio sem nunca encontrar alguém que o substituisse nesse trabalho sem fim!

- Ah! - respondeu o Diabo, dando outra gargalhada. - Esse barqueiro é um tolo! Se ele quiser sair de lá, é preciso apenas que abandone os remos na mão da primeira pessoa que aparecer pedindo para passar à outra margem do rio! A pessoa não terá outro remédio senão tomar o lugar do barqueiro!

Como já estava de posse dos três fios de cabelo, e já havia obtido as respostas para as três perguntas, a velhinha finalmente deixou Satanás dormir sossegado.

Logo de manhã, disse ao neto que ia buscar água, e saiu do inferno. Retirou a formiguinha da dobra da saia, restituindo ao Filho da



Sorte a forma humana. De posse das três respostas, o rapaz pegou os três fios de cabelo de ouro e, depois de agradecer muito à velhinha, iniciou o caminho de volta.

Logo chegava outra vez à margem do grande rio e o barqueiro, ansioso, perguntou pela sua resposta.

- Primeiro leva-me ao outro lado - respondeu o rapaz.

E, assim que o barqueiro o atravessou, ele ensinou-lhe como deveria fazer para escapar da sina de ser barqueiro eternamente. Muito feliz, o homem agradeceu a ajuda e o Filho da Sorte seguiu seu caminho.

Depois de alguns dias, chegava ao portão da cidade onde existia a árvore que dava frutos de ouro. Ensinou à sentinela o que se devia fazer para recuperar a árvore, e o homem, agradecido, deu-lhe como recompensa dois jumentos carregados de ouro e pedra preciosas.

Mais à frente, passou outra vez pelo portão da cidade cuja fonte de vinho havia secado. A sentinela logo indagou da resposta e o rapaz ensinou-lhe o que fazer, conforme havia ouvido da boca de Satanás. Muito feliz, o guarda deu-lhe mais dois jumentos carregados de ouro e lá se foi o Filho da Sorte, rumo ao reino de seu sogro.

Chegou ao palácio muito satisfeito, pois, além de haver cumprido a façanha exigida, estava agora muito rico.

A princesa, sua esposa, o recebeu com muita alegria e o imperador, depois de ter em mãos os três cabelos de ouro e ver a riqueza que o genro trazia, permitiu que ele vivesse com sua filha e o tornou príncipe.

Tudo ia muito bem no palácio, mas o imperador era muito ambicioso e morria de curiosidade para descobrir como e onde o genro havia conseguido tantas riquezas.

Um dia, não resistindo mais, acabou perguntando, e o Filho da Sorte lhe respondeu:

- Foi muito fácil, meu sogro! No caminho para o inferno há um grande rio onde está sempre um barqueiro que atravessa todas as pessoas. É só pedir para ele atravessá-lo e colher, na margem de lá, todo o ouro que puder carregar, pois o ouro ali é a areia do chão!

- E eu posso ir até lá buscar ouro para mim também? - perguntou o imperador.

- Claro, meu sogro! - respondeu o rapaz. - É só falar com o barqueiro!

O ganancioso imperador saiu logo na manhã seguinte, ansioso por encontrar o lugar onde havia tanta riqueza. Viajou por vários dias e, de facto, acabou por encontrar o barqueiro. Este, que aguardava ansiosamente o aparecimento de alguém, assim que o imperador lhe pediu que o atravessasse, entregou-lhe com satisfação os remos e disse:



– Atravesse você mesmo, ora! Movido pela ambição, o imperador aceitou a tarefa e remou, enquanto o barqueiro, feliz da vida, saía por esse mundo fora, livre outra vez.

E dizem que até hoje o imperador está lá, Cumprindo a eterna tarefa de atravessar gente de um lado para outro do rio.

Quanto ao Filho da Sorte, viveu feliz por muitos e muitos anos, junto com a princesa, sua amada esposa.